



## PARTICIPAÇÃO E INCLUSÃO DE UM ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

MARTINS, Klévia Gerusa dos Santos<sup>1</sup>; TAVARES, Renato Vitor da Silva<sup>2</sup>

Eixo Temático: Educação Física e Inclusão Escolar

### RESUMO

As crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) estão cada vez mais presentes nas escolas regulares, mas existe certo distanciamento entre o acesso e a efetivação da inclusão, existindo dificuldades em verificar a participação e o aprendizado desses alunos no âmbito escolar, sobretudo nas aulas de Educação Física. Com isso, o objetivo desse trabalho foi descrever a participação e o processo inclusivo de uma criança com TEA nas aulas de Educação Física em uma escola regular. Trata-se de um relato de experiência, com as informações obtidas a partir do estágio em uma escola da rede municipal de Maceió. Em relação aos resultados, o aluno participava das aulas de Educação Física, mesmo antes da intervenção das alunas-estagiárias, mas obteve redução das dificuldades nas práticas corporais e evidencição das potencialidades a partir das adaptações e adequações dos conteúdos a suas peculiaridades, tornando-se mais autônomo e sociável com as demais crianças. Estas, por sua vez, facilitaram o processo de inclusão do aluno com TEA, auxiliando a equipe pedagógica na preparação/execução das atividades. Portanto, verificou-se que a criança com TEA demonstrou evoluções no processo de ensino-aprendizagem e nos domínios biopsicossociais, sendo incluído pelo professor, alunos-estagiários e alunos nas aulas de Educação Física.

**Palavras-chaves:** Inclusão Educacional. Educação Física. Transtorno do Espectro Autista.

---

<sup>1</sup>Graduanda em Educação Física, Universidade Federal de Alagoas, Maceió – Alagoas, [klevinhageruza@gmail.com](mailto:klevinhageruza@gmail.com)

<sup>2</sup>Graduado em Educação Física, Universidade Federal de Alagoas, Maceió - Alagoas, [renato.tavares@iefe.ufal.br](mailto:renato.tavares@iefe.ufal.br)



## INTRODUÇÃO

O público alvo da Educação Especial, o qual abarca o Transtorno do Espectro Autista (TEA), tem acessado as escolas regulares com maior frequência, tendo em vista a obrigatoriedade da matrícula para as pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades e superdotação (INEP, 2017). Entretanto, entende-se o acesso como apenas um dos pontos para efetivar o processo inclusivo no contexto escolar, necessitando-se assim da permanência nos ambientes educacionais e de êxito no processo de ensino-aprendizagem (CAPELLINI; RODRIGUES, 2009). Em relação à condição específica desse estudo, o TEA, este é compreendido como um distúrbio do neurodesenvolvimento do indivíduo caracterizado por déficits persistentes na interação e na comunicação social, além de padrões de comportamentos, atividades e interesses restritos e repetitivos (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 2014). No que se refere à inclusão da criança com TEA no âmbito escolar são percebidos inúmeros desafios, levando em consideração a necessidade de aprimoramento por parte da equipe pedagógica no que tange às práticas educativas e na instrumentalização do professor para lidar de maneira adequada com as singularidades e/ou especificidades desse público no processo de ensino-aprendizagem (BENINI; CASTANHA, 2016). No mais, embora existam dificuldades para a inclusão, Sanches (2011) afirma que a escola deve sempre adotar o paradigma inclusivo, tendo como finalidade a transformação da realidade educacional, fazendo com que sejam garantidos os direitos à educação e à igualdade de oportunidades e de participação a todos. No componente curricular voltado à Educação Física, Rodrigues (2006) discorre que este pode ser um contribuinte ou empecilho para a efetivação do processo de inclusão. Em concordância com Rodrigues (2006), Fiorini e Manzini (2014) citam a presença de dificuldades, as quais se referem ao despreparo profissional por uma formação inicial deficitária, pelos debates acerca da inclusão serem desenvolvidos em apenas uma disciplina e pelo não oferecimento da disciplina de Educação Física Adaptada. Enquanto aspectos positivos são citados a flexibilidade dos conteúdos, possibilidade de participação dos alunos com dificuldades, busca pela compreensão das deficiências e pelas possibilidades de adaptação, assim como o contato frequente com a diversidade (FIORINI. MANZINI, 2014). Relativamente à inclusão de crianças com TEA nas aulas de Educação Física, Oliveira (2012) cita que essa disciplina tem papel relevante para o processo inclusivo desse público, tendo em vista suas contribuições nos domínios cognitivo, social, afetivo e psicomotor, contanto que ocorra a adequação dos conteúdos, estratégias e metodologias para as especificidades dos alunos com TEA. Uma particularidade da Educação Física para as crianças com TEA é referente à tríade comportamental (interação, comunicação social e movimentos restritos/estereotipados), que está contida, de um modo geral, na maior parte do rol de conteúdos dessa disciplina, podendo vir a reduzir esses aspectos ou acentuá-los. Desta forma, o trabalho em questão apresentou como objetivo descrever a participação e o processo inclusivo de uma criança com TEA nas aulas de Educação Física em uma escola regular.



## MÉTODOS

Este trabalho se configura como um relato de experiência, considerando-se que as informações foram captadas por meio das vivências no campo de atuação profissional futuro, a escola, a partir do estágio em uma escola da rede municipal de Maceió. Compôs esse estudo o aluno com TEA, que tem 08 anos de idade e está cursando o 1º ano da Educação Fundamental, além de ser complementarmente atendido por uma instituição especializada. Para atingir o objetivo do trabalho em questão foi utilizada a observação da participação do aluno nas aulas de Educação Física.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao iniciar o ano letivo em 2018, as alunas-estagiárias de uma escola municipal, que atuam em conjunto com o professor de Educação Física da escola, foram informadas acerca de um aluno com diagnóstico de TEA na turma, e a partir de então passaram a acompanhar seus comportamentos no ambiente escolar, principalmente nas aulas de Educação Física, considerando-se a relevância da observação para a reflexão e discussão acerca do processo inclusivo. No período inicial de observação, o aluno se mostrava dependente do auxílio de adultos nas práticas corporais, embora fosse participativo nas aulas, interagindo com seus colegas e demonstrando entusiasmo na realização das atividades propostas. Diante disso, Maranhão e Sousa (2012) apontam que a participação do aluno com TEA em aulas de Educação Física se configura como um aspecto positivo para a inclusão nessa disciplina, tendo em vista que além de propiciar o desenvolvimento de habilidades motoras e capacidades físicas, podem-se evoluir os aspectos sociais, de modo a possibilitar o contato e interação com outras crianças, estimulando assim a construção da autonomia para o desempenho de atividades distintas. Posteriormente, ao passar a ter contato com a criança pôde-se identificar suas potencialidades e dificuldades para a realização das atividades nas aulas, as quais serviram para adequar e garantir a ele práticas corporais que considerassem suas individualidades, necessitando-se de adaptações dos conteúdos da Cultura Corporal de Movimento. O aluno apresentava comportamentos de frustração em atividades competitivas, alterações sensoriais quanto aos estímulos auditivos, além de movimentos estereotipados e repetitivos, especialmente em momentos de agitação ou excitação. Desse modo, as metodologias foram sendo organizadas com o intuito de atender às peculiaridades do aluno com TEA, viabilizando a conquista dos objetivos propostos nas aulas e conseqüentemente a aprendizagem. Com base nesse contexto, Munster (2013) expõe que algumas atividades ou conteúdos tornam-se acessíveis às pessoas com deficiência somente após adaptados, devendo-se avaliar e analisar constantemente as adaptações, levando em conta que ocorrem modificações nas necessidades dos alunos a partir do seu aprendizado, as quais demandam novos ou diferentes ajustes. Tendo em vista o exposto, as adaptações realizadas para o aluno com TEA se referiram à: redução da ênfase competitiva nas atividades, propondo jogos com foco na cooperação e esportes de marca e precisão, os quais não evidenciavam os conceitos de perdedor e ganhador; diminuição da ajuda física nas atividades, de maneira



a estimular a realização das práticas pela criança por meio das orientações verbais, tornando-o mais autônomo; e atenuação dos ruídos, conversando-se com os alunos acerca dessa característica da criança com TEA, para que o ambiente se tornasse menos desconfortável para ele. Ressalta-se que por meio das adaptações citadas acima, a criança demonstrou evoluções nos aspectos 1) conceitual, compreendendo os conteúdos que eram apresentados no decorrer das aulas, expondo-os oralmente de maneira satisfatória; 2) procedimental, levando em conta a redução nas estereotípias, participação adequada nas atividades cooperativas e competitivas, bem como na execução de circuitos motores sem estar de mãos dadas com o professor ou com um dos alunos-estagiários; e 3) atitudinal, de modo que passou a se mostrar mais afetivo e comunicativo com todos os colegas, refletindo sobre o que tem desenvolvido nas aulas, construindo assim valores importantes para a vida em sociedade. Somado a isso, destaca-se como imprescindível o papel desempenhado pelos companheiros de turma do aluno com TEA, os quais se mostraram unidos e dispostos a auxiliar na promoção da participação do estudante nas aulas de Educação Física, entendendo a necessidade de cooperar para a segurança emocional da criança e para que ele consiga obter êxito nas atividades promovidas.

## CONCLUSÕES

Percebeu-se que por meio da intervenção dos alunos-estagiários em conjunto com o professor de Educação Física, ocorreram adaptações dos conteúdos e metodologias para atender as necessidades específicas do aluno com TEA, de modo que se proporcionou à criança uma participação com mais autonomia e com melhor aprendizado nas aulas de Educação Física, tanto nos aspectos motores quanto sócio-afetivos. Em relação à inclusão, os colegas de turma buscaram auxiliar na realização das atividades físicas, do mesmo modo que os profissionais pensaram em estratégias que viabilizassem a sua participação e aprendizagem com qualidade durante o ano letivo.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5**: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Trad. Maria Inês Corrêa Nascimento et al. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 948p.

BENINI, W.; CASTANHA, A. P. A INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA ESCOLA COMUM: desafios e possibilidades. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Curitiba: SEED/PR, 2016.

CAPELLINI, V. L. M. F.; RODRIGUES, O. M. P. R. Concepções de professores acerca dos fatores que dificultam o processo da educação inclusiva. **Educação**, Porto Alegre, v. 32, n. 3, p. 355-364, 2009.



FIORINI, M. L. S.; MANZINI, E. J. Inclusão de alunos com deficiência na aula de educação física: identificando dificuldades, ações e conteúdos para prover a formação do professor. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 20, n. 3, p. 387-404, 2014.

INEP. Ministério da Educação. **Censo escolar da educação básica 2016**: notas estatísticas. Brasília, 2017.

MARANHÃO, B. S. S.; SOUZA, M. S. S. R. **EDUCAÇÃO FÍSICA, TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTÍSTICO (TEA) E INCLUSÃO ESCOLAR**: Revisão Bibliográfica. Universidade do Pará, 2012.

MUNSTER, M. A. V. Inclusão de estudantes com deficiências em programas de Educação Física: adaptações curriculares e metodológicas. **Revista da Sobama**, Marília, v. 14, n. 2, p. 27-34, 2013.

OLIVEIRA, F. E. T. R. **O papel da educação física na aprendizagem de alunos com necessidades educativas especiais**. Dissertação de Mestrado - Universidade de Vila Real, Vila Real, 2012.

RODRIGUES, D. As dimensões de adaptação de atividades motoras. In: **Atividade motora adaptada**: alegria do corpo. São Paulo: Artes Médicas, 2006.

SANCHES, I. Do 'aprender para fazer' ao 'aprender fazendo': as práticas de Educação Inclusiva na escola. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, v. 19, n. 19, p. 135-156, 2011.